

A Tortura da Carne

I

Eugénio Irtenieff tinha razões para aspirar a uma carreira brilhante. Para tal nada lhe faltava, a sua educação fora muito cuidada; terminara com brilho os estudos na Faculdade de Direito de S. Petersburgo e, por intermédio do pai, falecido havia pouco, conseguira as melhores relações na alta sociedade. Basta dizer-se que entrara para o Ministério pela mão do próprio Ministro. Possuía também uma avultada fortuna, embora esta já estivesse comprometida. O pai vivera no estrangeiro e em S. Petersburgo e dava a cada um dos seus filhos, Eugénio e André, uma pensão anual de seis mil rublos, e ele e a mulher de nada se privavam, gastavam à larga. No verão, passava dois meses no campo, mas não administrava directamente as suas propriedades, confiando tal encargo a um encarregado que por sua vez, embora este fosse pessoa da sua inteira confiança, deixava andar tudo ao Deus dará.

Por morte do pai, quando os dois irmãos resolveram liquidar a herança, apareceram tantas dívidas que o advogado aconselhou-os a ficarem apenas com uma propriedade da avó, que fora avaliada em cem mil rublos, e desistirem do restante. Mas um vizinho da herdade, igualmente proprietário, que tivera negócios com o velho Irtenieff, veio a S. Petersburgo propositadamente para apresentar uma letra aceite por este - e fez-lhes saber que, apesar das grandes dívidas, poderiam chegar a acordo com ele e ainda refariam grande parte da fortuna. Para tal, bastava que vendessem a madeira, alguns bocados de terreno bravio e conservassem o melhor, isto é, a propriedade de Semionovskoié, uma verdadeira mina de ouro, com as suas quatro mil geiras de terra, duzentas das quais de belos pastos, e a refinaria. Afirmou ainda que, para tal se arranjar, era indispensável que uma pessoa enérgica se entregasse de corpo e alma a essa tarefa instalando-se no campo para administrar a herdade inteligente e economizante.

O pai morrera na altura da quaresma e na primavera, Eugénio, foi à propriedade; depois duma inspecção minuciosa, resolveu pedir a sua demissão de oficial do exército e fixar lá residência com a mãe, a fim de dar execução às sugestões do vizinho. Mas antes disso, contratou o seguinte com o irmão: pagar-lhe anualmente quatro mil rublos, ou entregar-lhe dumavez só oitenta mil, com o que ficariam saldadas as suas contas.

Eugénio, logo que se instalou com a mãe na velha casa, atirou-se com coragem e prudência à revalorização das terras. Pensa-se, em geral, que os velhos são conservadores

impenitentes e que, pelo contrário, os novos tendem mais para as modificações. Mas não é bem assim! Às vezes, mais conservadores são os novos que desejam viver e não têm tempo de pensar na maneira como devem fazê-lo, por isso se entregam à vida tal como ela é.

Contudo não era este o caso de Eugénio. Agora, que vivia no campo, o seu sonho, o seu ideal máximo, era restabelecer, não o modo de vida do pai, que fora um mau administrador, mas sim as medidas adoptadas pelo avô. Em casa, no jardim, em toda a parte, procurava ressuscitar o método de então, para sentir em redor a alegria de todos, o bem-estar e a ordem. Em casa, no jardim, em toda a parte. Era preciso ir de encontro às exigências dos credores e dos bancos e, para tal, procurava vender terras e adiar pagamentos... Depois, era forçoso arranjar dinheiro para as culturas, por administração directa servindo-se dos próprios criados no amanho da imensa propriedade de Semionovskoié, com as suas quatrocentas geiras de terreno de cultivo e a sua refinaria. Impunha-se que a casa e o parque não tivessem o aspecto de abandono e ruína. A tarefa parecia exaustiva mas a Eugénio não faltava força de vontade. Tinha vinte e seis anos, era de estatura mediana, robusto e sanguíneo, tinha os músculos desenvolvidos pelo exercício, as faces rosadas, os dentes fortes, os cabelos anelados apesar de pouco espessos. O seu único defeito era a miopia, agravada pelo uso dos óculos, que não podia deixar.

Era uma destas pessoas que, quanto mais as conhecemos, mais delas gostamos. A mãe sempre manifestara por ele uma exagerada preferência e depois da morte do marido, sentiu que aumentava a sua ternura pelo filho, como se nele encontrasse toda a sua vida. E não era só a mãe que o amava. Também os companheiros do liceu e da universidade lhe dedicavam uma grande estima. O mesmo acontecia com os estranhos. Ninguém tinha coragem de pôr em dúvida uma afirmação sua, ninguém o supunha capaz de mentir, tão sincera era a sua expressão, tão francos eram os seus olhos.

A sua figura em muito o ajudava nos negócios. Os credores tinham confiança nele e concediam-lhe, muitas vezes, aquilo que negavam a outros. Um camponês ou um *staroste*, capazes de cometer a maior vilania, não ousavam enganá-lo, porque lhes era agradável entabular relações com um homem tão bondoso e, sobretudo, tão franco, tão leal.

Era nos fins de Maio. Bem ou mal, Eugénio conseguira resgatar as hipotecas das suas terras incultas, que foram vendidas a um negociante, que ainda por cima, lhe emprestou dinheiro para comprar o gado e as alfaias agrícolas de que necessitava. Havia já trabalhadores nas dependências da quinta e comprara oitenta carros de adubo. No entanto, reconhecia que, apesar de toda a prudência e boa vontade, qualquer descuido poderia desmoronar-lhe o pouco sólido castelo da vida.

II

Entretanto deu-se um acontecimento que, embora de pouca importância, muito contrariou Eugénio. Ele, que até aí levava uma vida de rapaz solteiro, tivera, como é natural, relações com mulheres de diferentes classes sociais. Não era um devasso mas, segundo ele próprio afirmava, também não era um monge. Por isso gozava da vida tanto quanto lhe exigia a saúde do corpo e a liberdade do espírito. Desde os dezasseis anos que tudo lhe corria bem e não se corrompeu nem contraiu qualquer doença. Em S. Petersburgo fora amante de uma costureira; porém, como esta adoecesse, procurou substituí-la, e a sua vida em nada se modificara.

Mas desde que, havia dois meses, se tinha instalado no campo, não voltara a ter relações com qualquer mulher. Uma continência tal principiava a enervá-lo. Precisaria de ir à cidade.

Eugénio Ivanovitch começou a seguir com uns olhos concupiscentes as raparigas que encontrava. Sabia bem que não era bonito ligar-se a qualquer mulher do campo. Sabia, isto pelo que o informaram, que o pai e o avô tiveram uma conduta que sempre se distinguiu dos outros proprietários, nunca se metendo com as criadas de casa ou as jornaleiras. Por isso, resolveu seguir-lhes o exemplo. Mas, com o tempo, sentindo-se cada vez mais inquieto, pensou que seria possível arranjar uma mulher, isto sem que ninguém o soubesse... Quando falava com o *staroste* ou com os carpinteiros, encaminhava a conversa para o assunto, prolongando-a propositadamente. Entretanto, sempre que se lhe proporcionava o ensejo, olhava para as camponesas com mal contido interesse.

III

Contudo, uma coisa é tomar uma decisão e outra é efectivá-la. Dirigir-se pessoalmente a uma mulher, não era possível. E qual? E onde? Era precisa a intervenção no caso de uma terceira pessoa. Mas quem?

Uma vez sucedeu-lhe ter de entrar em casa do guarda florestal, um antigo caçador, ao serviço da casa, no tempo de seu pai. Eugénio Irtenieff pôs-se a conversar com ele. O guarda contou-lhe velhas histórias de orgias e caçadas e Eugénio pensou, logo, que talvez fosse possível conseguir alguma coisa naquela cabana, em plena floresta. O que não sabia era como o velho Danilo receberia a proposta. «É capaz de ficar indignado», disse de si para si. «Mas também pode ser que não se importe...» Tais eram os pensamentos de Eugénio enquanto o velho falava. A certa altura, este contou como uma vez conseguira uma mulher para Prianitchnikoff. Vou tentar, decidiu-se por fim.

- Seu pai, que Deus tenha em descanso a sua alma, não se metia nessas coisas...

Para apalpar o terreno, Eugénio perguntou:

- E tu prestavas-te a esses papéis?

- Ora! Que mal tem isso? Ela gostava e Fédor Zakaritch também. E como ele me dava sempre um rublo, por que não havia de auxiliá-lo? Afinal, um homem é um homem...

Parece-me que posso falar, pensou Eugénio. E começou:

- Pois, amigo Danilo, tu bem sabes que, e - sentiu-se corar até às orelhas -, afinal de contas, não sou nenhum frade, estou acostumado...

Percebeu que as suas palavras eram estúpidas, mas verificou que Danilo esboçava um sorriso de aprovação.

- Por que o não disse há mais tempo? Sim, tudo se pode arranjar. Diga qual delas prefere.

- É-me indiferente. O que é preciso é que tenha saúde e não seja muito feia.

- Está bem - disse Danilo. - Tenho uma, muito bonita, que casou no outono, debaixo de olho.

E segredou qualquer coisa a Eugénio, que o deixou espantado.

- Mas, não - disse ele. - Não é propriamente isso o que eu pretendo. Pelo contrário: quero uma mulher sem compromissos, mas que seja saudável.

- Muito bem! Stepanida serve-lhe. O marido trabalha na cidade. É como se fosse uma mulher solteira. Além disso, é uma bela rapariga, muito desenhovalhada. O senhor vai ficar satisfeítíssimo. Amanhã já lho direi. Venha cá, e ela...

- Quando?

- Amanhã, se quiser. Vou comprar tabaco e passarei por sua casa. Esteja ao meio-dia no bosque, perto da clareira. Ninguém os verá a essa hora, porque depois do almoço, todos dormem a sesta.

- Está bem.

Uma comoção extraordinária se apoderou de Eugénio ao voltar para casa. Que irá acontecer? Como será essa camponesa? Feia? Nojenta? Não, algumas até são bem lindas, murmurou recordando-se das que já lhe tinham atraído a atenção.

No dia seguinte, à hora combinada, foi à choupana do guarda. Danilo estava à porta e, com ar de importante, fez-lhe um sinal apontando na direcção do bosque. O coração bateu-lhe com força. Dirigiu-se para o sítio indicado e não viu ninguém. Inspeccionou as imediações e já ia a retirar-se quando ouviu o súbito estalar dum ramo seco. Voltou-se. A mulher estava atrás duma árvore, separada dele por uma vala apenas. Foi ao seu encontro. Picou-se numa urtiga em que não tinha reparado e caíram-lhe os óculos quando saltou para o outro lado do talude. Ei-lo junto duma linda mulher, fresca, de saia branca, com uma bata vermelha, e um lenço da mesma cor na cabeça, os pés descalços, sorrindo timidamente...

- É melhor o senhor passar por esse atalho - disse-lhe a rapariga.

Aproximou-se dela e, depois de certificar-se que não era visto, abraçou-a. Dali a um quarto de hora separaram-se. Passou pela cabana de Danilo e, como este lhe perguntasse se estava satisfeito, atirou-lhe um rublo para as mãos, retomando em seguida o caminho interrompido.

Ia contente. A princípio tivera vergonha, mas agora sentia-se calmo, tranquilo e corajoso. Quase não encarara a mulher. Lembrava-se de que não lhe parecera feia nem fizera cerimónia.

Quem será ela?, perguntou a si mesmo. Chamava-se Petchnikoff, mas existiam duas famílias com esse nome. Talvez seja a nora do velho Mikhail. É com certeza. O filho trabalha em Moscovo. Hei-de perguntar isto a Danilo.

Dessa altura em diante a vida de Eugénio, passou a ter encantos até ai desconhecidos. Sentia-se com mais coragem para tratar dos seus negócios. A tarefa assumida era bem difícil. Às vezes parecia-lhe que as forças iam faltar-lhe, antes de levar tudo a bom termo, que se seria obrigado a vender as terras, e que seria em vão todo o seu esforço. E isso entristecia-o, pois mal pagava uma conta, outra aparecia em seu lugar.

Além disso, quase todos os dias surgiam dívidas ignoradas contraídas pelo pai. Sabia que, nos últimos tempos, ele pedira dinheiro emprestado a toda a gente. Por ocasião das partilhas, Eugénio convenceu-se de que ficava a ter conhecimento de todos esses empréstimos mas, em certa altura, avisaram-no de que havia ainda um de doze mil rublos, de que era credora a viúva Essipoff. Não existia qualquer documento considerado legal mas um recibo, que segundo a opinião do advogado oferecia dúvidas. Eugénio, porém, nem sequer podia conceber a ideia de se negar ao pagamento duma dívida contraída pelo pai. Quis apenas saber se efectivamente a dívida existia.

- Mamã, quem é essa Essipoff, essa Caléria Vladimirovna Essipoff? - perguntou à mãe, enquanto jantava.

- Essipoff? Ah! foi pupila do teu avô. Por que fazes essa pergunta?

E, como Eugénio lhe dissesse do que se tratava, a mãe acrescentou:

- Essa mulher devia ter vergonha... Tanto dinheiro que o teu pai lhe deu...

- Mas, não lhe deveria nada?

- Quer dizer... Dívida não. Teu pai, cuja bondade era infinita...

- Mas ele considerava ou não isso uma dívida?

- Que dizer-te? O que sei é que todas essas coisas te causam muitas dores de cabeça.

Eugénio percebia que Maria Pavlovna não tinha lá muito bem a consciência do que estava a dizer.

- O que deduzo de tudo isso é que é preciso pagar - disse o filho. - Amanha irei a casa dessa senhora perguntar-lhe se é possível um adiamento.

- Tenho pena de ti, meu filho, por te teres metido nesses trabalhos, mas realmente será melhor lá ir. Pede-lhe para esperar algum tempo - aconselhou a mãe.

Havia outra coisa que apoquentava Eugénio, era o facto de sua mãe o não compreender. Habituada a gastar às mãos cheias durante toda a sua vida, não podia compreender a situação do filho, que dispunha somente dum rendimento de dois mil rublos e que, para refazer a casa, se via na necessidade de diminuir todos os gastos, fazer cortes nos salários do jardineiro, dos cocheiros e mesmo até nas despesas com a alimentação.

Como a maior parte das viúvas, sua mãe sentia pela memória do marido uma admiração que ultrapassava toda a afeição que por ele tivera em vida, e não admitia que nada do que por ele fora feito, se modificasse. Eugénio, com grande dificuldade, conseguia o arranjo do jardim e da estufa e das cavalariças com dois jardineiros e dois cozeiros. Mas Maria Pavlovna, só porque não se queixava do pouco pessoal da cozinha, a cargo da antiga cozinheira, nem das áreas do jardim por não andarem rigorosamente amanhadas, nem de só terem um criado de mesa em vez de muitos, pensava ingenuamente que fazia tudo quanto uma mãe extremosa deve fazer por um filho.

Naquela nova dívida, em que Eugénio via um golpe que lhe podia arrasar a vida, Maria Pavlovna descobria apenas um ensejo para o filho mostrar a sua generosidade. Havia, ainda, uma circunstância que em muito concorria para Maria Pavlovna se não inquietar com a situação material da casa: tinha a certeza de que Eugénio havia de fazer um casamento brilhante. Conhecia até uma dezena de famílias que se julgariam felizes concedendo-lhe a mão de suas filhas.

IV

Eugénio pensava também no casamento, mas não da mesma forma de sua mãe. A ideia de casar-se para pagar as dívidas repugnava-lhe. Queria fazê-lo mas por amor. Olhava as raparigas que encontrava, examinava-as minuciosamente, comparava-as, mas não se decidia.

Entretanto, as suas relações com Stepanida continuavam e nada indicava que pensasse acabar com elas. Depois do primeiro encontro, Eugénio julgou que não a procuraria mais. Todavia, passado algum tempo voltou a sentir-se inquieto, e na sua inquietação evocava aqueles mesmos olhos negros e brilhantes, aquela mesma voz grave, aquele mesmo aroma de mulher fresca e sábia, aquele mesmo peito vigoroso que tufava a blusa. Tudo isto lhe passava pela mente associado à ideia dum bosque de nogueiras e plátanos, inundado de luz. Apesar de envergonhado, apelou outra vez para Danilo. E novamente a entrevista foi marcada para o meio-dia. Desta vez, Eugénio examinou-a demoradamente a rapariga e tudo nela lhe pareceu atraente. Procurou conversar, falou-lhe do marido. Era, com efeito, o filho de Mikhail e trabalhava em Moscovo como cocheiro.

- Bem... e que é que faz ele para o enganares?

- Ah! - exclamou ela rindo. - Penso que ele, lá onde está, também se não priva de nada. Então, porque não hei-de eu fazer outro tanto?

Via-se que se esforçava por mostrar arrogância e isto pareceu a Eugénio encantador. Apesar disso não lhe marcou nova entrevista. Quando ela propôs que voltassem a encontrar-se sem a intervenção de Danilo, com quem não parecia simpatizar, Eugénio recusou-se. Esperava que fosse aquela a última vez. Apesar disso Stepanida agradava-lhe; de resto, entendia que uma ligação destas lhe era necessária e que daí não lhe viria nenhum mal.

No entanto, no íntimo, um juiz mais severo repreendia-o, e por isso Eugénio contava que fosse aquele o último encontro. Porém passou-se o verão e durante esse tempo encontraram-se uma dezena de vezes mas sempre com a interferência de Danilo. Certa ocasião, ela não apareceu, porque o marido chegara. Depois, ele regressou a Moscovo e as entrevistas recomeçaram, a princípio com a cumplicidade de Danilo, mas, por fim, Eugénio marcava o dia e ela vinha acompanhada duma outra mulher.

Um dia, precisamente à hora em que se devia realizar o encontro, Maria Pavlovna recebeu a visita duma rapariga com quem muito desejava casar o filho, o que tornou impossível a saída de Eugénio. Logo que pôde escapar-se, fingiu ir à granja e, por uma vereda, correu para o bosque, para o lugar da entrevista. Ela não estava, e tudo quanto havia no sítio fora destruído: nogueiras, cerejeiras e até os plátanos pequenos. Stepanida, como Eugénio a fizesse esperar, enervou-se e devastou tudo o que encontrou pela frente.

Eugénio ainda ali se demorou uns momentos, mas em seguida correu à choupana de Danilo e pediu-lhe que a convencesse a voltar no dia seguinte.

Assim se passou todo o verão. Estes encontros deram-se sempre no bosque, à excepção duma vez, já perto do outono, em que se encontraram na granja. A Eugénio nem lhe passava pela cabeça que aquelas relações viessem a ter, para si, qualquer complicação futura. Quanto ao caso de Stepanida, nem pensava nisso: dava-lhe dinheiro e tudo ficaria arrumado. Não sabia nem podia imaginar que toda a aldeia estava ao corrente das suas ligações, que todos invejavam Stepanida, lhe extorquiam dinheiro, a encorajavam, e que, sob a influência e os conselhos dos parentes, desaparecia completamente, para a rapariga, a noção do seu irregular comportamento. Parecia-lhe até que, pelo facto de os outros a invejarem, ela só procedia bem.

Muitas vezes Eugénio punha-se a discorrer: Admitamos que não está certo... e, embora ninguém diga nada, toda a gente deve saber... A mulher que a acompanha com certeza dá à língua... Parece-me que ando por mau caminho, mas como deve ser por pouco tempo.

O que mais aborrecia Eugénio era saber que ela tinha marido. A princípio, até sem saber porquê, imaginava-o feio e, se assim fosse, estava justificado em parte o procedimento da mulher. Mas quando uma vez o viu, ficou espantado; era um rapaz elegante, em nada inferior a ele, tinha até mesmo melhor apresentação. No primeiro encontro que tiveram depois disso, ele pô-la ao facto da impressão com que ficou a respeito do marido.

- Não há melhor em toda a aldeia! - exclamou ela com orgulho.

Isto mais espantou Eugénio. Uma vez, em casa de Danilo, no decorrer de uma conversa, este disse-lhe:

- Mikhail perguntou-me há dias se era verdade o senhor andar a namorar-lhe a mulher. Respondi-lhe que de nada sabia.

- Ora! - disse ele - afinal de contas, antes com um fidalgo, do que com um camponês.

- E que mais disse ele?

- Nada, nada mais do que isto: - Vou saber a verdade e depois lhe farei ver.

- Se ele voltar da cidade deixá-la-ei.

Mas o marido lá ia ficando e as suas relações mantinham-se inalteráveis. Chegado o momento próprio, acabarei com isto duma vez para sempre, pensava. A questão parecia-lhe de fácil solução, tanto mais que nessa época andava muito ocupado com os seus trabalhos, a construção duma nova casa, a colheita, o pagamento de dívidas e a venda de uma parte das terras. Essas coisas absorviam-no inteiramente. E tudo isso era a vida, a verdadeira vida, enquanto as suas relações com Stepanida, que vendo bem não tomava muito a sério, não tinham o mínimo interesse. É certo que, quando lhe vinha o desejo de a ver, em nada mais pensava. Isto, porém, não durava muito: depois duma entrevista, a esquecia de novo durante semanas e, às vezes, até mais.

Entretanto, começou a frequentar a cidade onde vivia a família Annensky e onde conheceu uma menina que acabava de sair do colégio. Com grande tristeza de Maria Pavlovna, Eugénio enamorou-se de Lisa e pediu-a em casamento. Assim terminaram as suas relações com Stepanida.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

